18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO
EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

SER, ESTAR E SE CONSTITUIR NA PAISAGEM E NO ENSINO

Relato de experiência no ensino de paisagismo

Sessão Temática 2 - Paisagens e territórios

BEING, REMAINING, AND CONSTITUTING ONESELF WITHIN THE LANDSCAPE AND TEACHING

An experience report on landscape design education

KAMIYA TSUTSUI, Hugo
Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo | Universidade Federal de Mato Grosso | Cuiabá, MT, Br | hugo.kamiya@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8460-1548

FRANCISCHINI BRANDÃO DOS REIS, Tatiana
Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo| Universidade Federal de Mato Grosso | Cuiabá, MT, Br | tatifbreis@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5253-5475

MAIA SILVA, Luis Davi
Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo | Universidade Federal de Mato Grosso | Cuiabá, MT, Br | luisadavimaia@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0009-0007-2434-6953

RESUMO

Este artigo constitui um relato de experiência de ensino-aprendizagem desenvolvido na disciplina de Paisagismo 2 do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), no segundo semestre de 2025. Partimos da premissa de que as questões de paisagem, estudadas por pesquisadores de diferentes matrizes teóricas, situam-se na tensão entre a materialidade objetiva e a subjetividade da percepção, revelando-se um campo de disputas políticas, éticas e estéticas. A metodologia adotada buscou superar a visão tecnicista do projeto e do planejamento da paisagem por meio da socialização da diversidade de abordagens sobre a mesma, integrando aulas expositivas, diário da paisagem e debates de textos. Além disso, foram exploradas manifestações políticas contemporâneas, no campo da cultura, em que as questões de paisagem assumem centralidade. O relato, estruturado a partir da descrição das perspectivas de docentes e discentes, destaca a utilização de um conjunto de recursos pedagógicos cujo objetivo foi a construção dialógica de um olhar crítico e sensível sobre a paisagem. As experiências acumuladas na disciplina, balizadas por provocações e reflexões de abordagens teóricas e práticas diversas, conduziu os discentes a apreenderem a paisagem em seus múltiplos sentidos entendendo-a, especialmente, como um processo contínuo indissociável da experiência de habitar o mundo.

Palavras-chave: Paisagem; Relato de experiência; Política; Estética; Sensibilidade.

ABSTRACT

This article presents an experience report conducted in the Landscape Architecture 2 course within the Architecture and Urbanism program at the Universidade Federal de Mato grosso (UFMT) during the second semester of 2025. We started from the premise that landscape issues, studied by researchers from different theoretical frameworks, exist within the tension between objective materiality and the subjectivity of perception, revealing themselves as a field of political, ethical, and aesthetic disputes. The methodology adopted sought to overcome the technocratic view of landscape design and planning by fostering a diverse range of approaches to the subject, integrating lectures, landscape journals, and text discussions. Additionally, contemporary political manifestations in the cultural sphere were explored, where landscape issues take center stage. The report, structured around the perspectives of faculty and students, highlights the use of a set of pedagogical resources aimed at the dialogical construction of a critical and sensitive view of the landscape. The experiences accumulated in the course, guided by provocations and reflections on diverse theoretical and practical approaches, led students to grasp landscape in its multiple senses, understanding it, in particular, as a continuous process inseparable from the experience of inhabiting the world.

Keywords: *Landscape; Experience report; Politics; Aesthetics; Sensibility.*

1 INTRODUÇÃO

A paisagem, longe de se restringir à dimensão visual ou ao cenário natural ou passivo da ação humana, constitui-se como uma noção intrinsecamente polissêmica e um lugar de disputas epistêmicas e discursivas nos diferentes campos que se debruçam no seu estudo. No campo da arquitetura e do urbanismo, essa complexidade que envolve os diferentes sentidos atribuídos à paisagem, é fundamental para compreendê-la não apenas como infraestrutura, ou reduzí-la a um objeto técnico, mas entendê-la como produto e processo de fenômenos socionaturais. O reconhecimento dessa complexidade, fundamenta a atuação de arquitetos e urbanistas que veem a questão da paisagem um lugar/momento/experiência de intervenção - nos âmbitos do planejamento e do projeto de paisagem.

Compartilhamos o entendimento de que, conforme Adriana Serrão (2013), a paisagem apresenta-se como um "problema da filosofia", situando-se na tensão entre a objetividade do mundo material e a subjetividade do olhar que o apreende. Essa dualidade é aprofundada por Alain Roger (2013) através do conceito de "artialização" — o processo pelo qual a natureza se transmuta em paisagem por meio do olhar artístico (*in visu*) ou da intervenção direta no solo (*in situ*). Assim, a paisagem não "nasce" pronta; ela é construída culturalmente como modos de ser no mundo (Bartalini, 2024), o que abre margem para diferentes formas de engajamento, agências, representações e formas de apropriação.

Essa construção cultural, como toda produção humana, não é neutra; a disputa discursiva sobre o que deve ser preservado (valorizado), percebido ou silenciado na paisagem revela a sua dimensão política, representacional e, portanto, estética. Nesse sentido, a paisagem transita entre o que Altamiro Sergio Mol Bessa (2021) descreve como o "mundo sensível" e a "usura", evidenciando o conflito entre a sensibilidade estética e a exploração pragmática do espaço, relacionada à sua dimensão material.

Diante de tal complexidade, e dos desafios que se colocam para a investigação e o ensino das questões de paisagem, este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência[1] de ensino realizada na disciplina de Paisagismo 2, no segundo semestre de 2025, no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Este relato propõe abrir diálogo sobre a importância de refletir metodologias que incentivem o pensamento crítico e a sensibilização de docentes e discentes enquanto parte fundamental do exercício projetual na paisagem - considerando seu sentido ampliado, que compreende desde a reflexão, ou seja, a forma de apreender, sentir, ser/estar no mundo à concepção projetual em si (intervenção).

A experiência concentrou-se na etapa inicial da disciplina, compreendida na sua primeira unidade, que contou com aulas expositivas, visita de campo e debates em sala que integraram a leitura socializada de textos selecionados sobre paisagem a partir de diferentes campos do conhecimento e perspectivas. Foram apresentadas, durante as aulas expositivas, diversas formas de representação da paisagem, desde a sua mobilização fascista como metáfora de identidade eurocêntrica - até concepções críticas presentes na estética da cultura *pop*, como o álbum *Debí Tirar Más Fotos* do artista porto-riquenho Bad Bunny, além de material audiovisual

[1] Por se constituir um relato de experiência, não está no escopo deste relato o debate teórico aprofundado sobre as dimensões política e estética da paisagem, ainda que estas tangenciem as experiências didáticas conduzidas na disciplina. Pretendemos nos debruçar sobre o aprofundamento dessa reflexão teórica em outro trabalho, em formato de artigo.

que combina paisagem e poesia. Também foram exploradas exposições artísticas contemporâneas que retratam experiências de paisagem a partir de diferentes formas, permitindo que alunas(os) analisassem a paisagem como relação e suporte de narrativas éticas e políticas, objetivas e subjetivas.

Em um primeiro momento é apresentado o percurso desta etapa inicial da disciplina, o desenvolvimento das atividades e, por fim, as considerações finais, demonstrando avanços em relação ao maior aprofundamento dos docentes e discentes diante da complexidade do tema, a construção de um olhar crítico e sensível, tanto para os processos/fenômenos socionaturais e seus entes - humanos e não-humanos[2] - que constituem a paisagem, quanto para a construção subjetiva e particular de apreender e integrar-se à paisagem. O relato a seguir é formado pela percepção dos docentes e do discente Luís Davi.

2 SENSIBILIDADE COMO CRÍTICA: SER, ESTAR E SE CONSTITUIR NA PAISAGEM E NO ENSINO

Em janeiro de 2025, no contexto do recrudescimento das políticas migratórias conduzidas nos Estados Unidos pelo presidente Donald Trump, o rapper Bad Bunny lançou o álbum *Debí Tirar Más Fotos* cuja capa remete a uma cena cotidiana de Porto Rico, ilha caribenha de sua origem - pertencente aos Estados Unidos. Veem-se duas cadeiras plásticas emolduradas por um verdejante arranjo de bananeiras que evocam às formas de sociabilidade - e às paisagens - das antilhas, desvelando traços que sintetizam um modo de vida, uma prática comum - possivelmente - identificada por qualquer latino-americano. Essa imagem poética, assim como as letras e melodias do álbum, informa; reporta às raízes do cantor, reivindicando a valorização e a visibilidade de Porto Rico[3] e sua população, colonizada pela Espanha e pelos Estados Unidos. Nesse sentido, contesta a perspectiva colonizadora que inferioriza determinados povos e seus modos de vida, reforçando o reconhecimento e orgulho dos mesmos, além de protagonizar a sua autorrepresentação da cultura a partir do cotidiano da população, em contraponto ao imaginário estereotipado dessa região.

Figura 1 e 2: à esquerda a capa do álbum *Debí Tirar Más Fotos*, à direita uma paródia feita na UFMT.

[2] Neste trabalho o uso de "humano e não-humano" ancora-se na proposta de coletivo por Bruno Latour (1994) entre humanos e não-humanos, em que essas relações ou associações se dão de maneira indissolúvel, buscando romper com a visão dualista ocidental entre sociedade/cultura e natureza.

[3] Faz-se necessário pontuar que a obra deste artista pop é produto da indústria cultural e, portanto, fortemente mediada pelas relações de consumo. Nesse sentido, ainda que reconheçamos a demarcação de uma posição política clara, de valorização de Porto Rico, são muitas as suas limitações.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Deb%C3%AD_Tirar_M%C3%A1s_Fotos e acervo dos autores.

Em outro sentido, alinhado à perspectiva fascista, o chanceler Friedrich Merz[4], referiu-se aos imigrantes em território alemão como um "problema de paisagem urbana", *stadtbild*, assumindo uma postura discriminatória e racista em relação à população de países periféricos e/ou asilada que imigra para a Alemanha. Essa concepção depreciativa, partilhada por muitos no capitalismo central, também ganhou eco na declaração de Josep Borrell[5], chefe da diplomacia europeia, quando este se referiu à Europa como um "jardim" que deve ser protegido do "resto do mundo", denominado por ele como "selva". O referido discurso, que desumaniza os não-europeus, contrapõe o "civilizado" e o "selvagem" como se este último fosse definido pelo acúmulo de suas carências, o que supostamente autorizaria o colonizador a civilizá-los, entendendo a sua condição de inferioridade.

Inicialmente a disciplina abordou desde o debate etimológico e conceitual, compreendendo as diferentes origens do termo - *paysage, landschap, shanshui* - e concepções, até os casos contemporâneos, como os relatados acima - que mobilizam a paisagem em sentidos outros. No âmbito dessa aproximação com a temática, além desses, foram apresentados materiais de diferentes formatos, tais como exposições artísticas (ver Figura 3) e suportes de audiovisual[6] - que combinam arte - em suas diferentes formas de expressão - e paisagem. Esses exemplos possibilitaram pensar a paisagem a partir de um lugar do sensível, dos aspectos subjetivos, imateriais e idiossincráticos da percepção corroborando com a concepção de Augustin Berque de que "[...] a paisagem diz respeito ao visível, mas também ao invisível. Ao material, mas também ao espiritual. É esta ambivalência o que é essencial, e o que faz a realidade da paisagem" (Berque, 2009, p. 85).

Figura 3: "Viver é ruminar paisagens", descrição do artista Luiz Zerbini sobre sua exposição "Paisagens Ruminadas".

[4] A declaração foi realizada publicamente em outubro de 2025, no estado de Brandemburgo, Alemanha.
[5] A declaração foi realizada publicamente em 2022, na Academia Diplomática da União Europeia.
[6] Poesia de Matilde Campilho. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a2u1D4i-C48&t



Fonte: https://braziljournal.com/as-paisagens-ruminadas-de-luiz-zerbini/

Reconhecendo a dimensão estética e política da paisagem, buscamos sensibilizar os(as) alunos(as) em relação a estes e outros conteúdos - que muitas vezes permanecem ocultos - nas formas urbanas e nas narrativas sobre elas construídas. Isto porque, para evidenciar a complexidade de intervir na paisagem, aqui entendida como produto da interação dos humanos com a natureza[7], também vinculada à percepção[8], pareceu-nos necessário ampliar o repertório de sentidos atribuídos ao termo, assim como abordar diferentes cosmopercepções (Oyěwùmí, 2021), pré-capitalistas ou modernas, dessa forma de ser/estar no mundo e na paisagem.

Partimos da compreensão de que cada sociedade, no seu movimento de constituição, em espaços-tempo específicos, estabelece relações diferenciadas com o espaço e produz, portanto, experiências de paisagem igualmente distintas. A sociedade dita moderna, ancorada na racionalidade instrumental[9], fragmenta a realidade estabelecendo um distanciamento entre os seres humanos e a natureza, negando uma concepção de paisagem que considera a indissociabilidade e interdependência dessas dimensões: natureza e cultura. Por outro lado, diversas formas sociais pré-capitalistas - como os povos originários -, partem de cosmopercepções outras, interpretando o mundo segundo uma lente que entende a unidade/relação estabelecida entre seres e natureza e opondo-se, portanto, à visão utilitarista e dualista da "natureza".

[7] Ainda que partamos da inseparabilidade de natureza e cultura, em oposição à fragmentação ocidental moderna, optamos por utilizar os termos "humanos" e "natureza" para reforçar a ideia de interação que fundamenta a noção de paisagem; não há paisagem em si, ela só existe na relação dos humanos com o mundo.

[8] A mobilização de uma abordagem sensível da paisagem, entendida como "abertura às qualidades sensíveis do mundo" (Besse, 2014, p. 45), foi introduzida aos alunos na primeira disciplina de paisagismo do curso - Paisagismo 1 - através de exercícios relacionados às memórias e percepções cotidianas do espaço.

[9] Ver: Horkheimer, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2002.

Foi solicitado às alunas e alunos a leitura de cinco textos para amparar a discussão pretendida em sala de aula, realizada por meio de exposições e debates das obras escolhidas. Foram lidos e debatidos os textos: “A terra dá, a terra quer” de Antônio Bispo dos Santos (2023); “Natureza e cultura. A dupla artialização” de Alain Roger (2013); “A paisagem como problema da filosofia” de Adriana Veríssimo Serrão (2013); “Paisagens em mundos sensíveis: entre a sutileza e a usura” de Altamiro Sergio Mol Bessa (2021); “O que é ecologia de paisagens?” de Jean Paul Metzger (2001).

Essa miscelânea de epistemes gerou uma série de questões durante o debate, a partir de complementaridades, mas também de visões divergentes entre os(as) autores(as) lidos(as), ampliando a forma de compreensão das noções de paisagem. Este relato é um conjunto de percepções a partir dos docentes e do discente Luís Davi Maia Silva. Em um primeiro momento é apresentado o relato dos docentes e, posteriormente, um relato a partir da perspectiva de Luís Davi.

A primeira obra a ser apresentada e aberta ao debate foi “A paisagem como problema da filosofia” de Adriana Veríssimo Serrão. Trata-se de um texto introdutório do livro “Filosofia da Paisagem”, em que são apresentados os(as) autores(as) e as questões centrais tratadas por eles(as) ao longo da obra. O livro é uma coletânea de textos a partir de diferentes perspectivas e épocas, portanto, faz um resgate histórico do conceito de paisagem (ou como, em determinados momentos, a paisagem tangenciou os principais debates filosóficos - como: o que é natureza, o que é o ser, entre outros), suas etimologias e desenvolve como a paisagem se tornou uma questão para a filosofia.

Embora seja um texto denso, pois introduz uma série de autores(as) e perspectivas teóricas, foi uma ótima forma de iniciar o debate, já que o seu objetivo é de traçar um panorama - ainda que bastante centrado na visão ocidental moderna. O segundo texto, “Paisagens em mundos sensíveis: entre a sutileza e a usura” de Altamiro Sergio Mol Bessa, complementa parte dessa lacuna ao trazer o debate da paisagem a partir do conceito de *shanshui* - compreensão chinesa para designar “montanha-água”, elaborada no ano de 353 “em vários poemas da Antologia do pavilhão das orquídeas” (Berque, 2013, p. 202). A partir dessa outra ontologia, o debate em sala se expandiu para novas questões, por exemplo, sobre a articulação das dimensões espirituais e materiais, a importância do vazio, da névoa, do espaço não-preenchido na paisagem, na arte e na filosofia chinesa - embora, já no fim do texto, o autor teça críticas à dessensibilização da paisagem nas cidades contemporâneas chinesas, e que pode ser observado em praticamente todas as metrópoles.

O terceiro texto “Natureza e cultura. A dupla artialização”, de Alain Roger, trouxe ao debate a perspectiva a partir do processo de criação e interação entre o(a) sujeito(a) e a paisagem, por meio da proposta, apresentada pelo autor, de “artialização”. Dessa forma, o debate se desloca da ideia da paisagem enquanto mera representação da “natureza”, mas como processo e produto da cultura, ao ser “criado”, segundo o autor, a partir da interação - criativa - entre o ser e a paisagem. Faz-se necessário pontuar que o texto reforça uma questão central para o autor: a noção de que a paisagem só pode ser apreendida/revelada como categoria estética a partir da representação artística, especialmente na pintura. Tal concepção, que esvazia outros sentidos possíveis relacionados à experiência cotidiana da paisagem, suscitaram questionamentos entre as (os) discentes no debate conduzido em sala.

Com o objetivo de trazer uma diversidade de perspectivas, nesse caso, a partir das ciências naturais, o quarto texto escolhido foi “O que é ecologia de paisagens?”, de Jean Paul Metzger.

O grupo responsável pela sua apresentação trouxe alguns pontos fundamentais relacionados à operacionalização das ferramentas de análise da paisagem a partir desse campo específico, vinculados à interação dos agentes bióticos e abióticos. Embora o debate teórico-conceitual se caracterize por um maior pragmatismo, a sua contribuição, dentro do campo da arquitetura e urbanismo enquanto ciências sociais aplicadas, é base para diversos exercícios de análise da paisagem a partir dos seus suportes materiais - biofísicos, geormorfológicos - na sua relação com os humanos e não-humanos.

Por fim, a obra "A terra dá, a terra quer", de Antônio Bispo dos Santos, fechou o ciclo de debate. Embora este ensaio filosófico não proponha uma reflexão sobre as questões de paisagem nos termos da produção acadêmica tradicional, traz discussões sobre a centralidade de outras formas de reprodução da vida em comunidades quilombolas alicerçadas na relação aproximada entre seres humanos e natureza. Nesse sentido aborda: a temporalidade de vida orientada pelos ciclos naturais, os saberes ancestrais e a dicotomia assentamento rurais e cidades, dentre outros. Essas discussões possibilitaram profundas reflexões, incômodos e provocações a partir da visão contracolonial do autor. Até aquele momento, as noções de paisagem apresentadas - com exceção daquela chinesa, pré-capitalista - pareciam aproximadas, talvez complementares, com algumas divergências, mas sem grandes cisões. A partir desse texto houve, claramente, uma inquietação geral na turma.

No conjunto, os textos geraram profícuos debates e forte engajamento pelos(as) alunos(as) que puderam questionar suas concepções de mundo - e de paisagem - sobre a relação natureza e cultura em perspectivas históricas e conceituais. De nossa parte, enquanto docentes, avaliamos que o objetivo de aprofundar e trazer complexidade para refletir, discutir, criticar as questões de paisagem foi perceptível no processo de amadurecimento, de inquietação e de sensibilização por parte dos(as) alunos(as). Ademais, este relato também busca dar voz à percepção dos(as) discentes, aqui representados pelo autor Luís Davi, que escreve os parágrafos seguintes.

O aprendizado, a partir da perspectiva dos(as) discentes, teve como parte do resultado, a sensibilização para com todo o conjunto de elementos que formam os espaços cotidianos por nós frequentados. Inicialmente, as relações entre paisagem e memória apresentavam a tendência de convergir para o núcleo familiar e afetivo de cada um, sendo o contexto em que a turma conseguiu realizar a primeira relação entre a materialidade da paisagem e seus agentes.

No entanto, com o amadurecimento crítico dos grupos, a partir das aulas e debates, surgiram conversas fora de sala que buscavam entender a formação dos ambientes frequentado pelos discentes, o que gerou a necessidade de interpretar o espaço a partir de prismas sociais e culturais distintos, para que assim, a diversidade de fatores que incidem sobre as paisagens vivenciadas pudessem ser melhor compreendidas. A partir desse momento, a turma reconheceu que a pluralidade de ideias de cada lugar é intrínseco a esse espaço/tempo, sendo abertas a diversas interpretações a partir das vivências de cada indivíduo - além de que a dimensão política e cultural tem a capacidade de transformar os espaços a partir da construção das ideias/imaginários e da sua própria materialidade.

Mesmo com o processo em sala de aula, eu, particularmente, demorei a realizar as minhas próprias associações, sendo o primeiro momento de reflexão pessoal consciente o período de férias[10], quando fui visitar minha família nos estados do Ceará e do Rio Grande do Norte. Embora

[10] Vale destacar que o calendário acadêmico da UFMT, até este momento, encontra-se irregular, portanto, as referidas férias ocorreram durante o semestre.

o embasamento teórico tenha sido construído em sala, minha internalização subjetiva só se consolidou durante as férias. Ao retornar ao convívio familiar, fui confrontado com a mudança na dinâmica de uso dos espaços da casa da minha vó pelos meus primos; o que antes era uma ocupação exploratória e plena de cada ambiente frequentado, onde escadas e pisos eram suportes de brincadeiras, agora deu lugar a uma interação contida e funcional, limitada ao mobiliário tradicional. Esse contraste evidenciou como a passagem do tempo e o amadurecimento dos agentes reconfiguram a paisagem vivida e a própria relação com o espaço.

Após seguir um processo semelhante ao restante da turma e iniciar o pensamento a partir de memórias afetivas, passei a entender melhor os espaços que eu frequentava, o que abriu portas para que eu observasse o comportamento de outros familiares, considerando primeiramente o envelhecimento natural de todos, além de perceber a maneira com que se apropriaram do espaço durante esse novo período, agora que o ambiente apresentava outras dinâmicas. A partir desse momento ficou claro para mim que cada lugar é reconfigurado constantemente pelas pessoas e suas relações com o meio, o que tornou o conteúdo trabalhado em sala palpável e possibilitou a ampliação de minha reflexão em relação à forma como eu me compreendo no mundo. Mesmo com o fim da disciplina, o processo de entendimento ainda está em construção, entretanto, a base teórica abordada durante as aulas e debates foi capaz de expandir nossas reflexões e gerar a curiosidade dos(as) discentes, tornando a tarefa de conhecer os seres, suas práticas culturais, suas percepções e suas individualidades como ponto fundamental no estudo da paisagem.

Vale destacar que, em paralelo a todas as atividades da disciplina, os(as) alunos(as) elaboraram um diário da paisagem, que deveria registrar, a partir de diferentes suportes - desenhos, fotografias, impressões, textos -, seus processos de observação, reflexão, criação e sensibilização em relação à paisagem. Nesse exercício, que acompanhou os alunos(as) ao longo de todo o semestre, alguns(as) alunos(as) aproveitaram para registrar coleta de plantas, croquis das suas paisagens cotidianas, pontos de vistas, percepções, desabafos[11], entre outros conteúdos, como pode ser observado nas figuras a seguir:

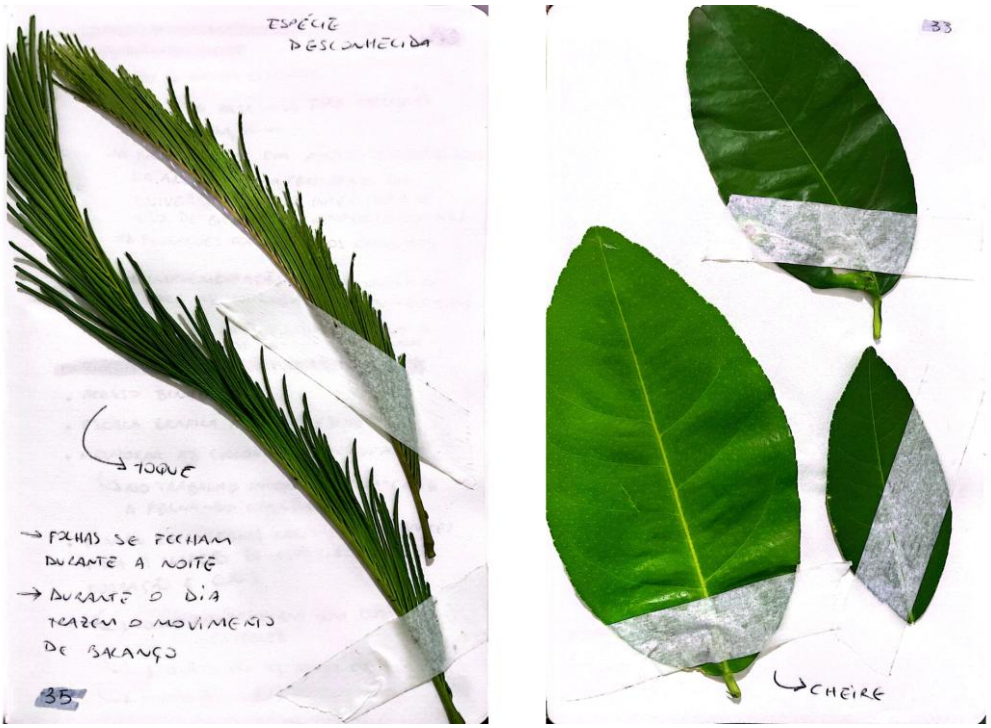
Figuras 4 e 5: Croquis e observações sobre espécies no campus da UFMT.

[11] Por se tratar de um diário, em alguns casos com relatos pessoais, elegemos algumas imagens que retratam elementos das paisagens do cotidiano que chamaram atenção desses(as) discentes, assim como suas percepções.



Fonte: Diário da paisagem, discente Rafaella Maria da Silva Fonseca (2025).

Figuras 6 e 7: Coleta de folhas.



Fonte: Diário da paisagem, discente Yasmim Batista Oliveira (2025).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os(as) discentes, a experiência pedagógica da paisagem relatada permitiu que estes fizessem uma transição da contemplação passiva para uma agência consciente na paisagem, desvinculando-se de uma visão meramente técnica - do projeto da paisagem - e apropriando-se de um processo crítico a partir das abordagens teóricas discutidas e das práticas cotidianas. A "miscelânea de epistemes" tratadas na disciplina, desde a ontologia chinesa a partir do conceito *shanshui* até a provocação contracolonial de Antônio Bispo dos Santos, teve papel, segundo relatos dos(as) alunos(as), de desestabilizar visões utilitaristas, revelando a paisagem como um território de disputas política e estética.

A sensibilização proposta não apenas ampliou a maneira de pensar o projeto da paisagem pelos(as) discentes e docentes, mas os(as) reposicionaram como sujeitos(as) ativos(as) dos fenômenos socionaturais. Além disso, essas reflexões possibilitaram uma amplitude na compreensão da paisagem, a partir de suas múltiplas dimensões e as responsabilidades ao pensar as intervenções no espaço, levando em consideração todos esses aspectos.

Conclui-se que a paisagem, mais do que um objeto de estudo, é uma experiência de habitar e significar o mundo, tornando palpável a complexidade do termo, retirando-o do isolamento técnico para inseri-lo no cotidiano vivo. Este relato compartilhado entre os docentes e o discente Luis Davi, buscou sintetizar o impacto dessa experiência, evidenciando que a compreensão de que a paisagem é reconfigurada constantemente pelas relações humanas e não-humanas no espaço e no tempo.

A percepção de que a materialidade do espaço é indissociável da apreensão/experiência subjetiva e dimensão política reafirma a necessidade de um ensino de paisagismo que priorize a escuta e a observação sensível. O encerramento deste ciclo aponta para a importância de uma formação profissional que desconstrua dualismos tão consolidados como: objetivo *versus* subjetivo, razão/ciência *versus* sensível, sociedade/cultura *versus* natureza, sujeito *versus* objeto, entre outros, que, historicamente, caracterizaram a forma como construímos nossa forma de ser/estar no mundo e, nesse caso, como alicerces de uma outra prática projetual paisagística pautada pela ética e situada nas relações humanas e não-humanas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas e todos os jovens estudantes com os quais experimentamos a disciplina e cujos interesses - partilhados - nos permitiram lançar outros olhares sobre a questão da paisagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTALINI, Vania. **Somos paisagem:** abordagem qualitativa fenomenológica e o fenômeno da paisagem. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

BERQUE, Augustin. **El pensamiento paisajero**. Tradução Javier Maderuelo. Madrid: Biblioteca Nueva, 2009.

_____.A ecúmena: medida terrestre do homem, medida humana da Terra. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (Coord.). **Filosofia da paisagem.** Uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013, p.185–212.

BESSA, Altamiro Sergio Mol. Paisagens em mundos sensíveis: entre a sutileza e a usura. In: BESSA, Altamiro Sergio Mol (org.). **A unidade múltipla: ensaios sobre a paisagem**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2021. (p. 27–61).

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo:** exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica / Latour, Bruno; tradução de Carlos Irineu da Costa. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

METZGER, Jean Paul. O que é ecologia de paisagens? **Biota Neotropica v1** (n1), 2001. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/bn/a/Jbchd6rjY35PGkY5BHPz63S/?format=html&lang=pt. Acesso em: < 12/09/2025 >.

OYĚWÙMÍ, Oyèronké. **A invenção das mulheres:** construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

ROGER, Alain. Natureza e cultura. A dupla artialização. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (coordenação). **Filosofia da Paisagem**. Uma Antologia. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2.ª edição, 2013. (p. 151-166).

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu editora/Piseagrama, 2023.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. A paisagem como problema da filosofia. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (coordenação). **Filosofia da Paisagem**. Uma Antologia. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2.ª edição, 2013. (p. 13-35).